



Missão Cruls



No rastro dos desbravadores

Sede da fazenda em Mariano dos Casados, que abrigou pesquisadores do século 19, mantém-se tal qual era antes

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL

Cumari (GO) — Depois de atravessar o rio Paranaíba em balsas e canoas rudimentares — o que levou quase dois dias, por causa das 10 toneladas de bagagem e 250 mulas e cavalos usados no transporte —, os 23 homens da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil começam a aventura por terras goianas. Com mais dois dias de cavalcada, chegam à Fazenda Mariano dos Casados, onde armam acampamento para passar a noite, em 13 de julho de 1892. A cidade mais próxima é Catalão, a 30 km. O caminho é acidentado, de mata fechada.

A fazenda que abrigou os exploradores da Missão Cruls ainda existe. É uma entre meia dúzia do povoado que ficou conhecido como Casados. A casa centenária de Mariano dos Casados se mantém de pé. Toda a madeira, tijolos e piso são originais. Há ainda um armário que era usado para guardar doces fabricados na propriedade.

Na casa, mora o casal Weder Cláudio da Silva, 38 anos, e Lucineide Maria Calaça, 34, com os três filhos, de 3, 5 e 16 anos. Eles pouco sabem da comissão que há 111 anos parou na propriedade para descansar, a caminho do Planalto Central do Brasil. “Eu ouvi falar do Cruls, mas não sabia que ele era tão importante”, disse Lucineide. Ela faz questão de manter as características originais da casa. “O único problema são as cobras que de vez em quando encontramos no assoalho. Parece que elas gostam da madeira.”

Lucineide passa o dia em casa cuidando dos filhos, enquanto o marido trabalha no posto da Receita do Estado de Goiás, na rodovia a 3 km da fazenda. Weder herdou a terra da mãe. O filho mais velho, Dione, é quem trata das 100 cabeças de gado da propriedade. São vacas leiteiras, na maioria. Não há lavoura na fazenda, por causa das constantes geadas que assustaram Luiz Cruls no dia que ele passou por lá com seu grupo de desbravadores. “Ninguém agüenta o frio aqui no inverno”, reclama Lucineide. Nos fundos da fazenda, há um pomar dominado por cajueiros. Toda a

Wanderlei Pozzembom



A FAZENDA

LUCINEIDE, O MARIDO E TRÊS FILHOS MORAM NA FAZENDA ONDE A MISSÃO CRULS ACAMPOU: HISTÓRIA POUCO CONHECIDA E MUITAS COBRAS

tam principalmente milho, soja e alho, estão sempre preocupados com geadas. O povoado faz parte do município de Cumari, que, na época da Missão Cruls, estava subordinado a Catalão.

Capelão, Catalão

No fim do século 19, Catalão, que havia se emancipado em 1859, não tinha mais do que duas ruas e algumas dezenas de casas, construídas nas margens do ribeirão Pirapitinga. Apesar da emancipação, Catalão estava isolada dos grandes centros de decisões da época em função da falta de meios de comunicação e de transportes ágeis — a estrada de ferro só chegou no século seguinte. Em 1828, o então povoado de Catalão contava com cinco casas de telhas e 20 ranchos de capim. Três anos depois, a localidade foi elevada à categoria de vila.

O nome veio de um dos capelães que acompanharam a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, que desbravou o sertão brasi-

leiro no século 18. Frei Antônio, por ser espanhol da Catalunha, ganhou o apelido de Catalão. Ele, com outros três companheiros, decidiu ficar na margem do rio Paranaíba e criar um ponto de pouso para os viajantes, onde a Missão Cruls passou no dia 11 de julho de 1892.

A área urbana não convive com as geadas, comum na zona rural. A última queda brusca de temperatura nas redondezas de Catalão, que provocou estragos na lavoura, foi registrada há 15 anos. Catalão se desenvolveu a partir da segunda metade do século passado, com a construção da BR-050, que liga São Paulo e o Triângulo Mineiro ao Centro-Oeste. Hoje, Catalão tem 65 mil habitantes e uma economia baseada na agricultura, pecuária e extração mineral. É a terceira cidade do estado no ranking da competitividade econômica, conforme pesquisa divulgada no começo do semestre pela Superintendência de Estatística e Informação, da Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento de Goiás. O estudo, realizado

nos 58 municípios goianos com mais de 15 mil habitantes — com exceção de Goiânia — levou em consideração o dinamismo, a riqueza econômica, infra-estrutura, qualidade de vida, qualificação da mão-de-obra, entre outros aspectos.

Indústrias como a Mitsubishi, a John Deere (que fabrica colheitadeiras), a Copebrás e a Mineração Catalão (produz fosfato e adubo), ambas do grupo Anglo American, (produz fosfato e adubo), são responsáveis por Catalão ser hoje o quarto município que mais arrecada ICMS no estado de Goiás. Árabes, sírios e turcos, que já haviam iniciado a migração para Catalão antes da Missão Cruls, sempre dominaram o comércio da cidade. Apesar do desenvolvimento, o ribeirão Pirapitinga resiste. Uma rede de encanamento tirou os dejetos do seu leito. O antigo cemitério foi desativado. Assim como todas as casas do século 19.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEY POZZEMBOM VIAJAM DE DOBLÔ ADVENTURE, CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS



comida da casa é feita em painéis de ferro, no fogão de lenha, como no século 19.

Em volta de Mariano dos Casados, surgiu um povoado, formado por casas simples, que resistem ao tempo. Os fazendeiros da região, que plan-



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

DECIR E SEUS 13 IRMÃOS

A lenda que corre em Ceilândia é que o quiosque 14 Irmãos é uma franquia familiar, um quiosque pra cada irmão. Não é bem assim, mas não deixa de ser. O filho mais velho de dona Francisca e de seu Jorge, Decir, é dono de três quiosques, nos quais trabalham três irmãs e três irmãos, um amontoado de cunhados e outro tanto de sobrinhos. Outros quatro irmãos têm seus próprios quiosques, diz ele.

Decir é o mais velho dos 14, o que primeiro aqui chegou. Veio puxado por um monóculo (Pra quem não conhece, uma espécie de slide dentro de uma caixinha fechada, do tama-

nho de um batom, só que um pouco mais larga. Apreciar uma imagem num monóculo guarda algo da magia de ir ao cinema)

Pois Decir foi magnetizado pelo monóculo: a imagem do tio, vestido de paletó e gravata, na plataforma superior da Rodoviária, tendo ao fundo o Eixo Monumental. Não mais tirou Brasília da cabeça. Tinha de vir, tinha de arranjar o dinheiro da passagem. Comprava filhotes de cabritos e ovelhas, alimentava-os, vendia-os na feira e guardava o dinheiro. Estava tão alfinetado pela idéia que escreveu com um fiapo de madeira no reboco ainda fresco da casa em Tranqueiras: “Estou indo pra Brasília, estou indo pra Brasília”.

Até que veio. Encafifado: “Como

será no Brasil? Será que eles vão entender o que eu digo? Que língua eles falam?”. Para o menino Decir, tudo o que não fosse Tranqueiras era outro mundo, um lugar muito importante, cheio de asfalto, de paletó e gravata, chamado Brasil. “Cheguei na Rodoviária e perguntei para um homem se ele não conhecia o meu tio”. O estranho nem teve tempo de responder, porque o outro tio de Decir, que o acompanhara na viagem, o puxou pelo braço: “Tu tá doido? Falando com estranhos”. Decir teve a certeza de que aqui no Brasil não se falava português.

Foi parar em Ceilândia. Vendeu asa e moela de frango torradas, bolo de padaria com café de garrafa térmica, churrasquinho, trabalhou de empre-

gado. “Naquela época não tinha muita gente vendendo, bastava inventar uma coisa que vendia”. Percebeu que dava pra trazer seus treze irmãos. Um a um, vieram todos. Quatro voltaram para o Ceará, outros quatro montaram seus próprios quiosques e cinco trabalham nos quiosques de Decir.

Antes de as coisas se ajeitarem, os fiscais da administração de Ceilândia deram muito trabalho a Decir. Tanto o perseguiram por ele (até hoje) montar mais de um quiosque, como era permitido, que Decir resolveu dar às lanchonetes o nome de 14 Irmãos. “Eu só podia ter licença pra um quiosque, então se o fiscal chegasse, o irmão dizia que era dele, e o outro também...”

O empresário Decir esconde o jogo, mas já tem condições de ir embora

para o Ceará, cuidar da fazendinha e viver de reunir os amigos. Só este ano, já foi quatro vezes a sua terra. Quer ir mais, vir aqui só de vez em quando. Só lhe falta uma mulher. Tem três filhos, nascidos de relacionamentos eventuais. Casou-se uma vez. Separado, procura alguém pra lhe fazer companhia. Ou, quem sabe, ainda consegue conquistar de vez a única mulher que conseguiu lhe dominar. “É a única que me fez ter medo dela, de gostar mesmo, de não haver necessidade de procurar outra. Porque o cabra quando se realiza com uma mulher não tem vontade de ter outra. Mas essa maldava tudo, era muito desconfiada”.

Não fosse isso, ela já seria a senhora Decir, o dono da rede de quiosques 14 Irmãos.

